



As Camponesas: a auto-organização das mulheres na produção agroecológica *The Peasants: woman's self-organization in the agroecology production*

LOYOLA¹; Larissa Castro

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, laricloyola@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O projeto se propõe a sistematizar as experiências e narrativas do coletivo auto-organizado de mulheres As Camponesas do Assentamento Florestan Fernandes em Guaçuí no ES e suas práticas agroecológicas, no intuito de analisar experiências que preze pela equidade de gênero. Pode-se perceber através da concepção da pesquisa-ação utilizando metodologias de planejamento participativas, que os coletivos auto-organizados de mulheres geram criticidade ao debate da questão de gênero, e proporcionam a construção de autonomia, formação e organização política e produtiva das mulheres. Onde as mulheres são imprescindíveis na construção da agroecologia e luta pela terra, tornando-se de suma importância no fortalecimento das relações sociais do campo. Sendo assim, esse projeto tem objetivo de analisar as questões de gênero e o protagonismo das mulheres dentro de territórios que lutam pela reforma agrária e o afrontamento delas diante a imposição da industrialização e modernização da agricultura.

Palavras-chave: Gênero; Agroecologia; Agricultura familiar; Estudos rurais.

Keywords: Gender; Agroecology; Family agriculture; Rural studies.

Introdução

Este projeto é uma sistematização de narrativas e experiências de mulheres de territórios contra-hegemônicos, onde há enfrentamento ao sistema capitalista e luta pela terra, dentro da escala da auto-organização de mulheres As Camponesas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Guaçuí no Espírito Santo. É necessário compreender que essas mulheres estão organizadas dentro de um movimento de luta pela reforma agrária onde há formação política e o debate acerca da questão de gênero é essencial para discussão da luta da terra e o MST (Coletivo Nacional de Mulheres do MST, 1996).

A questão de gênero está intrinsecamente associada à agroecologia e deve-se compreender a importância do papel da mulher como agricultora, pois, as mulheres são essenciais nos espaços de produção agrícolas e na luta pela agroecologia. A inserção da mulher gera importantes fatores como segurança alimentar, complementação de renda da família, construção do desenvolvimento rural sustentável e conservação da biodiversidade. Sendo necessário pensar em modos de produção agrícola que incluam relações igualitárias entre homens e mulheres (SILIPRANDI, 2015).

A agroecologia resgata autonomia dos produtores e sustentabilidade dos agroecossistemas, de forma a protagonizar os indivíduos e seus conhecimentos e



exaltar a natureza do espaço como fornecedora produtiva de alimento e vida, trazendo uma ressignificação do território que outrora foi destruído pelo agronegócio. Onde a agroecologia atua enquanto um sistema complexo de relações sociais, políticos, espaciais, econômicos e de luta pela terra. A agroecologia deve ser uma ferramenta metodológica de visibilidade do protagonismo dessas mulheres, compreendendo o papel fundamental das mulheres na construção, luta e garantia pela agroecologia, onde essas mulheres são atuantes necessárias no enfrentamento ao agronegócio e na luta pela terra e reforma agrária.

Metodologia

Neste trabalho foi adotada a concepção da pesquisa-ação utilizando metodologias de diagnóstico e planejamento participativas, como ferramenta básica para a valorização e construção dos saberes populares (TRIPP, 2005). Os princípios orientadores da metodologia incluem a questão de gênero, a agroecologia, a luta pela reforma agrária e o protagonismo das mulheres nas atividades produtivas agroecológicas locais. O projeto inicialmente fez a sistematização e reflexão dos dados obtidos em pesquisas de campo no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Foram realizados dois grupos focais no assentamento Florestan Fernandes, em Guaçuí, com o coletivo auto-organizado As Camponesas, onde a questão de gênero e a auto-organização das mulheres foram temas norteadores na fomentação do debate. Além disso, ocorreram vivências no assentamento, possibilitando vivenciar junto às essas mulheres os relatos de suas histórias e trajetórias, onde cada mulher tem uma vivência, histórico e trajetórias diferentes, de forma a tecer uma rede de saberes e relatos único e diversos, o que gerou a reflexão e análise a partir das narrativas das mulheres camponesas.

Resultados e Discussão

O Assentamento Florestan Fernandes fica localizado no município de Guaçuí no Espírito Santo. São quinze anos de assentamento, tendo sido três anos de acampamento (que teve início no dia 18 de abril de 2000), antes da conquista dos lotes. Ali residem 33 famílias, cuja produção é bem variada: desde criação de animais de pequenos, frutas, café, horticultura, até criação de animais de grande porte como bovinos, legumes e vegetais, cuja grande parte é produzida sem a utilização de agrotóxicos. O trabalho coletivo permeou o processo de ocupação do acampamento e se faz presente no Assentamento Florestan Fernandes, e a coletivização do trabalho é uma pauta fundamental do Movimento Sem Terra, assim como na agroecologia.

A produção e comercialização dos doces, geleias e licores feito pelo grupo de mulheres do Assentamento Florestan Fernandes unificou e estruturou coletivo auto-organizado de mulheres As Camponesas. Em 2016, As Camponesas teve acesso ao edital do Fundo Social de Apoio à Agricultura Familiar (FUNSAF) para a formação



e construção da agroindústria, onde o coletivo se estruturou para a produção da polpa de fruta que seria o produto principal da agroindústria.

Atualmente, o coletivo As Camponesas tem seis mulheres orgânicas na produção da polpa de fruta, geleia e doces. Cada uma com histórias diferentes, vindas de lugares e trajetos de vida diferentes e cada uma com uma relação diferente com o Movimento Sem Terra, onde todas participaram dos processos de formação do MST, onde se é presente o debate entorno da questão de gênero.

O trabalho do coletivo As Camponesas é pautado na coletividade, onde em épocas de colheita das frutas, as reuniões e produções das geleias, licores, doces e polpas de frutas ocorrem com mais frequência. Tem época que elas se encontram todos os dias para preparar e colher as frutas para a produção dos produtos, onde a produção de cada produto é determinada a partir da sazonalidade das frutas, respeitando os ciclos naturais de produção. A fruticultura tem servido como uma alternativa à produção de café e leite que predominam nas grandes propriedades da região.

Com a comercialização dos produtos do coletivo As Camponesas, as mulheres adquiriram uma autonomia financeira perante ao marido e gera complementação na renda familiar. A garantia da autonomia financeira dá direito de escolha às mulheres, onde elas conseguem comprar o que elas acham necessário, principalmente materiais para a casa e sempre pensando na família e seu bem estar. Porém não é somente a questão financeira que faz o grupo (re)existir, elas apontam que o motivo principal para realização do trabalho coletivo é a amizade e a troca de afetos que permeiam a produção dos alimentos, onde a relação entre elas é o mais importante. Elas visam um futuro próspero para o coletivo As Camponesas e para produção da agroindústria pois o trabalho coletivo é feito com amor e fé e isso alimenta a luta diária e dá esperança para continuar a lutar. O objetivo é que o grupo alcance outras mulheres do Assentamento para que o trabalho tenha mais mão de obra e possa alcançar outros segmentos de produção, além de fortalecer a auto-organização de mulheres do Assentamento Florestan Fernandes. Elas acreditam que com a aproximação de outras mulheres, gerará mais renda para a economia local do assentamento e fortalecer o grupo e o Movimento Sem Terra.

A agroindústria foi inaugurada em 2018 e um dos objetivos e desafios para o coletivo As Camponesas é a construção e formação de uma cooperativa para a gerenciar a agroindústria. E o registro da polpa de fruta e geleias para comercialização ampliada dos produtos em mercados. Apesar dos desafios, os espaços de auto-organização das mulheres são espaços de autonomia para essas mulheres, onde se é possível a troca de conhecimento e sabedorias, segurança e acolhimento para as mulheres se reconhecerem como protagonistas das mudanças e agentes fundamentais para modificar a estrutura capitalista patriarcal. Os espaços de auto-organização de mulheres tecem territórios de afetos, onde os sentimentos de amor, amizade e companheirismo estão presentes no dia-a-dia coletivo dessas mulheres e as dão força para continuar a lutar juntas. As mulheres do coletivo As Camponesas definem



a auto-organização como um espaço de “união, esperança, prosperidade, luta, respeito pelo outro, responsabilidade” e finalizam a prosa com a seguinte frase: “Vamos juntos dar as mãos, repartir melhor o pão”.

Conclusões

Durante a realização do projeto foi possível observar a relação entre a realidade das camponesas que formam os coletivos auto-organizados de mulheres e o estudo da revisão bibliográfica. Através dos grupos focais e observação das interações e relações sociais, pode-se sistematizar elementos para compreender o espaço das mulheres no campo. Onde observou-se a organização da divisão sexual do trabalho e a relação de poder patriarcal dentro da produção agrícola (PACHECO, 1997) pois em sua maioria as mulheres trabalham mais que os homens, muitas vezes sendo submetidas à tripla jornada. Porém quando se há uma formação e organização política e produtiva das mulheres através dos coletivos auto-organizados de mulheres a estrutura das relações sociais modificam, podendo-se observar explicitamente o protagonismo e empoderamento das mulheres, maior autonomia financeira e libertação diante à imposição patriarcal através da renda gerada, debate acerca da questão de gênero e capacitação. Além de garantir a diversidade e segurança alimentar e a luta das mulheres pela terra e garantia da agroecologia onde o campo é significado de luta e resistência, mas também de afeto com o próximo e com a natureza.

Referências bibliográficas

Coletivo Nacional de Mulheres do MST. **A questão da mulher no MST**. MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São Paulo: junho de 1996.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. **Revista Proposta**. Rio de Janeiro: v. 25, n. 71, dez./fev. 1997.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005